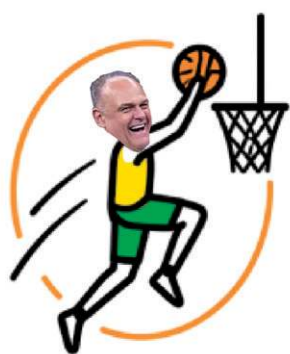


# Oladeus à Lenda

"Mão Santa é o caramba! É mão treinada!. Toda bola que eu chuto, é como se eu ordenasse para ela ir dentro da cesta"

# BANDEJA

Do ouro que derrubou o império dos EUA no Pan de Indianápolis, em 1987, aos três títulos sul-americanos: as glórias que passaram pelas mãos de Oscar Schmidt



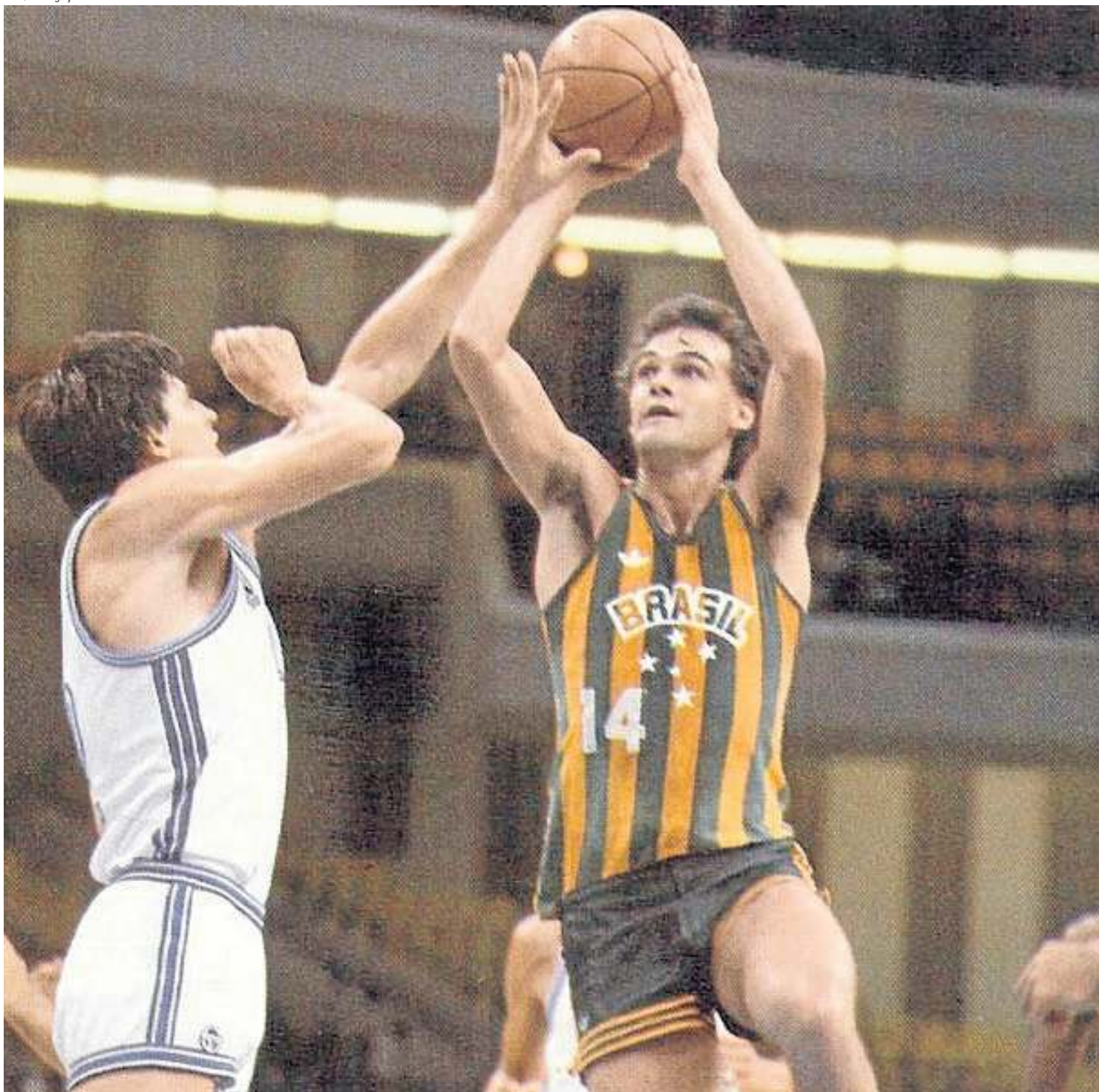
VICTOR PARRINI

Oscar Daniel Bezerra Schmidt parece ter sido feito sob medida para o Brasil: 2,04 m de altura, 104 kg de imposição física, pé tamanho 48 e uma mão santa, responsável por dar de bandeja as maiores glórias do basquete nacional. O maior capricho dos dedos do ala data de 23 de agosto de 1987, o dia em que derrubou o império americano na final dos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis ao anotar 46 pontos na vitória por 120 x 115, na prorrogação. Técnico da seleção dos Estados Unidos naquela decisão, Denny Crum falou muito, mesmo dizendo tão pouco: "Oscar acabou com o jogo".

"Ganhar da equipe do país que inventou o basquete, na cidade onde o basquete é cultivado como uma rosa, é impensável. Até agora, acho que estou sonhando", discursou Oscar. A emoção não lhe tirou a razão. Humilde, reconheceu o quão fora da curva foi aquela conquista. "Ganhamos o jogo, mas os americanos ainda são os melhores do mundo", reconheceu.

Os americanos fizeram de tudo para anular Oscar. No primeiro tempo, a missão foi bem-sucedida. O jogador pegou na bola apenas seis vezes. Incomodado, pediu ao treinador Ari Vidal que

CBB/Divulgação



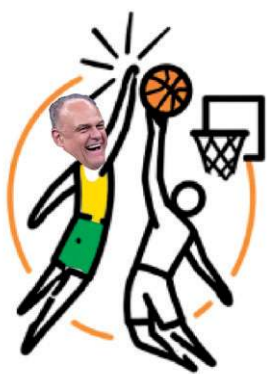
Com 2,04m de altura, Oscar Schmidt se notabilizou como um jogador completo e extremamente disciplinado: fazia de 500 a mil arremessos em casa

arremessasse de fora da linha dos três pontos. Há relatos de quem esteve no ginásio naquele dia de que, antes de acertar 10 chutes de longa distância, esbravejou um "Chega!" que ecoou pela arena e mudou o rumo do jogo. Talento combinado com competência. A Mão Santa, ou melhor, treinada, tinha auxílio da esposa Maria Cristina após os treinos. Em casa, ela lhe passava a bola de 500 a mil vezes desde que se conheceram.

Para quem desdenha Jogos Pan-Americanos, Oscar oferece números extraordinários em Olimpíadas. São cinco participações — Moscou-1980, Los Angeles-1984, Seul-1988, Barcelona-1992 e Atlanta-1996 —, o recordista ao lado do porto-riquenho Teófilo Cruz e do australiano Andrew Gaze. Sozinho, ostenta o título de maior cestinha da modalidade no megaevento, com 1.093 na conta. Em três edições, foi o maior pontuador: Seul-1988, com 338 pontos — 55 em uma única partida —, Barcelona-1992 (198) e Atlanta-1996 (219). Também é absoluto nas linhas de três, em bolas de dois e em lances livres.

No Sul-Americano, o Brasil reinou com Oscar. As finais de 1977, 1983 e 1985 contra Uruguai (duas vezes) e Argentina foram desequilibradas pela genialidade do camisa 14. Fez alegrias de alguns dos clubes mais populares do país. Brindou Corinthians e Palmeiras com títulos brasileiros. Pelo Flamengo, foram dois cariocas e a aposentadoria muito emotiva. O Sírio, além de ter sido colocado no topo do país, deu ao mundo, pela primeira vez, a um de nossos clubes. Também se aventurou fora do país. É ídolo na Itália, depois das passagens por Caserta (1982-1990) e Pavia (1990-1993), e deixou a marca dele na Espanha, com o Forum Valladolid (1993-1995).

# OS TOCOS



Não jogar na NBA nunca foi problema para Oscar Schmidt. Muito pelo contrário. Tornou-se ícone ao mostrar a uma geração que a badalada liga norte-americana não era o único caminho para o reconhecimento global. Consolidou-se como gênio longe do principal centro do basquete e, ao fazer isso, desafiou um conceito que atualmente parece inquestionável.

A NBA funciona, hoje, como selo de qualidade na carreira de qualquer jogador. Estar na liga significa visibilidade, retorno financeiro e acesso ao mais alto nível técnico. Na década de 1980, porém, o cenário era outro. Draftado pelo New Jersey Nets em 1984, na mesma classe de Michael Jordan, Oscar nunca entrou em quadra pela competição.

A razão estava fora das quadras. À época, a Federação Internacional de Basquete (Fiba) proibia atletas vinculados à NBA de defenderem as respectivas seleções. Diante do dilema, Oscar fez a escolha que marcaria a carreira: priorizou o Brasil. Mais do que uma decisão

esportiva, foi um posicionamento que o ajudou a construir a imagem de um atleta profundamente ligado à camisa nacional.

Para dimensionar o peso dessa escolha, basta imaginar um cenário improvável no futebol atual: jovens como Endrick ou Estêvão abrindo mão da Europa e, ainda assim, alcançando protagonismo global. Em um esporte cada vez mais centralizado, a comparação ajuda a entender a raridade da trajetória do ex-ala.

Três anos depois da decisão, veio a consagração. Em 1987, em Indianápolis, Oscar liderou a Seleção Brasileira na histórica conquista do ouro pan-americano, com vitória sobre os Estados Unidos em pleno território rival. Um feito que ajudou a eternizar não apenas o jogador, mas a escolha ousada, mas consciente, que definiu a carreira e o tornou herói nacional.

A lógica que afastou Oscar Schmidt da NBA moldou também a forma como passou a enxergar a relação de outros jogadores com a Seleção Brasileira. Para ele, vestir a camisa do país nunca foi opcional, era prioridade absoluta, independentemente do momento da carreira.

Sincero nas críticas, o ex-ala não escondeu o incômodo com atletas que abriram mão de convocações para priorizar compromissos com clubes. "Eu nunca abriria mão de participar dos Jogos Pan-Americanos no meu país. Quisera eu ter tido a oportunidade de disputar uma competição desse tamanho dentro do meu país. É o sonho de qualquer atleta. Mas, infelizmente, hoje, jogar na Seleção

NBA/Divulgação



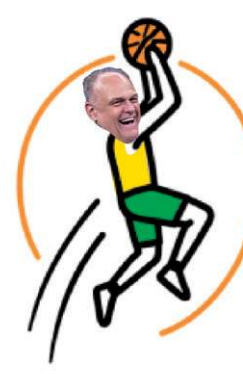
Oscar não atuou na NBA, mas teve bênção de Larry Bird no hall da fama

Brasileira não tem sido a prioridade para muitos", afirmou.

As declarações tiveram alvo claro: nomes como Nenê Hilário, Anderson Varejão e Leandro Barbosa, protagonistas brasileiros na NBA em diferentes momentos, mas ausentes da equipe nacional em determinadas convocações. Para Oscar, a escolha simboliza uma mudança de mentalidade.

"O objetivo principal deles não é mais a Seleção. Mas deveria ser. Não acredito que um menino de 23 anos esteja cansado. Um menino de 23 anos não cansa. Ele está preparado para não se cansar. É muito triste você ver isso", completou.

# JUMP



A relação de Oscar Schmidt com o basquete seguiu fora das quadras. Após encerrar a carreira de jogador, no Flamengo, em 2003, transferiu-se para os bastidores e se aproveitou da influência. O primeiro ato como dirigente foi criar o Telemar/Rio de Janeiro. O clube teve trajetória curta, entre 2004 e 2006, mas conquistou um título brasileiro e um carioca. Seguiu no meio como gestor do projeto do Barueri com a conquista de um Jogos Abertos.

Oscar também seguiu carreira política no fim dos anos 1990 e tentou se eleger senador por São Paulo como parte do desejo de alcançar a Presidência da República. Em 1998, foi derrotado nas urnas por Eduardo Suplicy, do PT. O Mão Santa teve 5,75 milhões dos votos contra 6,71 milhões do adversário.

"Passei 13 anos na Europa pensando em voltar para o Brasil e ser presidente. Tive a chance. Fui candidato ao Senado. Dali para a Presidência é um pulo",

confessou o ex-jogador, em entrevista ao SporTV.

No fim do processo, Oscar se conformou com o resultado nas urnas. "Ainda bem que eu perdi. Quem tem alguma a perder, não se meta lá. Vai respingar em você", comentou.

Antes de tentar o Senado, Oscar experimentou a vida pública como secretário municipal de Esportes, Lazer e Recreação de São Paulo, entre 1997 e 1998, durante o mandato de Celso Pitta como prefeito. Ele deixou o cargo justamente para se candidatar ao cargo em Brasília.

Em nota, a Confederação Brasileira de Basquete (CBB) exaltou a carreira de Oscar sem bola laranja. "Fora das quadras, Oscar foi mais do que um atleta. Foi pai, exemplo e referência. Um homem de personalidade forte, mas também de enorme generosidade com aqueles que o cercavam. Sua relação com a família, especialmente com o filho, revelou um lado íntimo tão grandioso quanto sua carreira pública."

A trajetória fora das quadras nunca seguiu uma única direção, mas manteve um ponto em comum: a tentativa de seguir influente em diferentes áreas. Seja na gestão esportiva, na política ou no debate público, transitou por áreas distintas sempre carregando a mesma personalidade direta que o consagrou como jogador. Sem alcançar, fora do jogo, o mesmo protagonismo que teve com a bola nas mãos, construiu ainda assim uma presença intensa.

## Linha do tempo — A vida e a carreira de Oscar Schmidt

1987

Lidera a conquista do Pan-Americano de Indianápolis, com virada contra os Estados Unidos

1988

Na terceira presença olímpica, foi cestinha dos Jogos, com 338 pontos, incluindo 55 contra a Espanha

1994

Em Barcelona, completa o ciclo de cinco participações em Jogos Olímpicos, ultrapassando a marca de mil pontos

1995

Volta ao basquete brasileiro e atua por Corinthians, Banco Bandeirantes, Mackenzie e Flamengo

1998

Oscar recebe o título de cidadão honorário de Brasília, concedido pela Câmara Legislativa do Distrito Federal